

O Papel do Poeta

Dominique Daguet
Tradução: Martine Kunz

A poesia na sua maior pureza expressa o espírito da infância: inaceitável em nosso mundo; a revolta da alma contra qualquer atentado à esperança, louca, a última chance: alvo do riso do mundo. Enfim a indignação do espírito, que não tem outro desejo, a não ser o encontro na verdade: daí a perseguição do silêncio.

A poesia tão desprovida de visibilidade na nossa mídia contemporânea, tão desprezada por um mundo editorial dominado pelas exigências do lucro a qualquer custo, a poesia existe ainda? Suas manifestações não serão meras expressões de um folclore condenado a desaparecer? Sua sombra famélica desvela-se ainda aos olhares de seus namorados fantasmáticos? Sua voz ainda revela vibrações e harmonia ou não é mais do que uma velha matraca enferrujada? Ela permanece legível, audível, comunicável? Consegue seduzir nossos irmãos desconhecidos, os jovens de hoje, obviamente desnorteados pelas transformações decorridas do inacreditável e relativamente recente desenvolvimento das ciências ditas objetivas, esses jovens fascinados, claro, pelo suposto esplendor do enriquecimento generalizado, do qual só os miseráveis não participam; jovens atraídos pelas faustuosas liberdades e facilidades consentidas, sem que primeiro a experiência tenha demonstrado sua necessidade, liberdades e facilidades que não são ofertadas pelas filosofias, ciências e religiões geradas em nosso passado, elas que formavam, há cinquenta anos, o essencial de nossa herança; jovens enfim que, com certeza, se deixam encantar pelas promessas embutidas na conquista do indefinido do cosmos, muitas vezes confundido com o verdadeiro infinito, promessas que ninguém cumprirá jamais, posto que a morte está sempre de vigília no final de nossos êxtases pagãos?

O que fazem esses escritores, centenas deles, que na França e na escuridão, perseguem um esforço de escrita considerável, às vezes pura e simplesmente admirável, um esforço no entanto que mal consegue escapar do nada, quando publicam em editoras quase falidas, coletâneas que, no melhor dos casos, atingirão apenas duas a cinco centenas de leitores? O que pretendem? Que

erros da juventude eles tentam exorcizar? Que ilusões mantêm, e em proveito de que ausentes? Que ritual primitivo, sem conexão com o real, procuram perpetuar? Se for preciso responder, direi primeiro que não sei nada a respeito, a não ser retomar as palavras de Charles Péguy e declarar que o caro “Homéro está mais vivo hoje que meu jornal de ontem”: mesmo que os heróis da guerra de Tróia não signifiquem para nossos patrícios, mais do que simples figuras de desenho animado atravessando o espaço cósmico... Em relação a Charles Péguy, com certeza, ele viu e compreendeu tudo dos rumos indecisos de seu tempo, com uma lucidez às vezes, e uma coragem de arrepiar, de angústia e admiração, mas ele não ficou a par do poder que detêm, hoje, os dirigentes de canais de televisão, não soube do abandono das responsabilidades educativas e culturais pela maior parte dos atores do universo informático-audio-visual e da multi-mídia atual. Na verdade, Charles Péguy, o autor do *Mystère de la Charité de Jeanne d'Arc*, mal chegou a utilizar o telefone! Qual não teria sido a sua surpresa ao constatar as derivações e os desastres de uma liberalização dos costumes encorajada pelas multinacionais, para melhor sujeitar-nos a suas produções. Fala-se de liberalização para melhor esconder que, de fato, trata-se de novas formas mansas de escravidão, prenúncio de futura infelicidade: pois, todos os excessos de uma época sempre terminam sendo pagos, sem demora e na íntegra, e com juros de agiota.

Volto ao nosso “poeta perdido” e fico surpreso pela seriedade das questões levantadas em torno dele, enquanto poderiam simplesmente relegá-lo em alguma reserva de originais em via de extinção. De fato, alguns de vocês me perguntam se, no começo desse novo século anunciado por André Malraux como tendo que ser “místico ou não ser”, esse poeta coletivo tem ainda hoje um papel a desempenhar na sociedade, se é que ele já teve um papel outrora! E de que papel trata-se? Com relação a si-mesmo, com relação à sociedade da qual faz parte, em proveito dela? Mas porque um papel tão-somente em relação à sociedade? Por que não, antes de tudo, com relação ao seu leitor?

São essas perguntas que se me apresentaram durante três semanas, e mergulhei numa extrema perplexidade enquanto a minha viagem para Fortaleza aproximava-se. Tive que reconhecer que não sabia responder, nem sabia se existia uma resposta. Pois, se eu fosse responder “sim, o poeta tem um papel a desempenhar tanto junto ao seu leitor quanto junto à sociedade”, bem sabia que as justificativas que teria de fornecer seriam certamente abusivas, exageradas, e mesmo extravagantes, de qualquer modo *ad hóminem*, válidas só para mim. Sem relação com o assunto talvez, ou então completamente falsas.

Mas se ousasse dizer não, tornaria pura miragem mental a idéia que se tem dos artistas como seres capazes de aproximar-se do real de modo tão peculiar. Logo, dentro de mim, foi uma confusão, uma reviravolta, o turbilhão de mil reflexões, as mesmas que me preocupam desde que comecei a escrever e que me mostravam que estava errado, que o poeta tinha que ter um papel entre todos os homens, embora tivesse que exercer seu carisma sem retorno de glória ou de honras; ele tinha que manter erguido o estandarte de seu destino, como a sentinela que continua soprando no seu olifante, para avisar que o caminho é minado, a entrada do futuro obstruída pelos escombros de nossos erros e desastres. A vocação do poeta é tão estranha que, até para ele mesmo, ela permanece oculta, secreta, como uma chamada vinda dos tempos mais remotos e impossível de ser ignorada sem estar cometendo um crime. Estranha vocação que, embora pareça evidente aos leitores e ouvintes, permanece impalpável para seu principal e único responsável. Como vocês podem ver, eu tinha embarcado em um delírio semântico e místico do qual tinha que sair urgentemente, pois no decorrer de minha existência, já tinha sentido às vezes passar por mim o sopro da divindade. Voltei à razão e procurei tratar o assunto de outro modo.

De fato, porque o poeta teria que ser o detentor de um papel determinado, porque teria que cumprir uma outra missão além da sua que consiste em efetuar de modo laborioso, consciencioso, exato, o seu trabalho com a língua, como num jogo de xadrez onde as palavras acabam sempre ganhando a partida; um trabalho que consiste em construir um a um, artesanalmente, os poemas que ele traz dentro de si, como o mármore de Carrara abrigava, sem que fosse perceptíveis, as Pietás de Miguel Angelo, poemas talvez informes, desafinados, infames, mas vivos e suntuosos na sua carne.

E qual seria então a natureza desse papel? Estética, moral, profética? Para responder a tal pergunta precisaria ter uma idéia clara do que é um poeta e sua poesia; ora, a procura de referências entre os poetas franceses conhecidos e desconhecidos, rejeitados ou escolhidos, detestados ou admirados, considerando as obras de Denis Roche ou de Michel Deguy entre muitas outras que, ao meu ver, contêm tanto ou mais cinzas do que brasas, ou as obras de Jean Mambrino e de Jean-Claude Renard, de Gilles Baudry ou da irmã Marie-Pascale Jégou, de Pierre Oster, Charles Julliet ou Yves Bonnefoy, sem falar de poetas mais antigos, que já se foram, percebo uma multiplicidade de concepções formais e espirituais que só se encontram raramente para formar um conjunto coerente suscetível de responder à questão inicial. Na verdade, vemos que Denis Roche e seus amigos vivem em planetas muito afastados

do planeta onde convivem fraternalmente Jean Mambrino e Marie-Noël. E se for escutar Jean Follain ou André Dhôtel, Henri Michaux ou Henri Thomas, Saint-John Perse ou Patrice de la Tour du Pin, Paul Claudel ou Jules Supervielle, o horizonte vai se alargando, e os pontos de vista afastam-se uns dos outros, alguns levantam os olhos a procura do invisível, outros baixam o olhar para a mais trivial realidade enquanto outros ainda se satisfazem com a mais confortável virtualidade! Respondendo a minha chamada, surgem ainda, entre milhares de semelhanças e diferenças, com vigor reconfortante e contestatório tanto Paul Claudel, Armand Robin, Armen Lubin, Maurice Courant quanto Robert Desnos, Oscar O.V. de Milosz, René Guy Cadou ou Antonin Artaud. Só essa curta enumeração, tirada do simples repertório francófono, tem o mérito de mostrar o quanto seria vão usar a mesma medida para cada um desses poetas e encobri-los sob o manto de uma única e mesma relação com a poesia; pois cada um pensa a poesia em termos, às vezes ou muitas vezes, inconciliáveis, senão irreconciliáveis. E se for além do século passado para encontrar Villon, d'Aubigné, Ronsard, Racine, André Chénier, Hugo, Vigny, Verlaine, Nerval, Baudelaire ou Rimbaud, vejo que se espera do poeta que ele ilumine os homens mas sem nunca definir com que facho, e se são os mesmos que iluminam os corações ou acendem a fogueira das bruxas.

Vamos considerar a pergunta como se fosse colocada de repente: o que você acha? Tem trinta segundos para falar. Logo me vem uma espécie de repulsa em pensar que a poesia seria simples jogo de linguagem ou exercício mental como o bridge, o baralho ou o xadrez, mesmo considerando os atrativos desses jogos. Do mesmo modo, não consigo ver a pintura como simples mistura harmoniosa de cores. Embora saiba que, num primeiro instante, deve-se olhar assim para o poema e a pintura pois sua matéria prima é respectivamente a palavra e a cor. Mas como reduzir uma cantata de Jean-Sébastien Bach a um simples entretenimento em que os sons apenas brincariam de esconde-esconde? Tem outra coisa, mas essa outra coisa varia de homem para homem, em função de este reivindicar para si apenas o status de pedra, vegetal, animal ou homem de verdade. Ou ainda Deus. Já que, segundo Santo Agostinho, temos essa fabulosa possibilidade de nos tornar o que escolhemos ser.

Será preciso, hoje ou mais tarde, voltar a refletir sobre a palavra que apareceu há pouco nos meandros de meu discurso, uma palavra tirana do nosso tempo, a palavra entretenimento: pois a poesia não pode identificar-se a isto, a não ser talvez nas horas em que só um passatempo é tolerável. De fato, há entre poesia e entretenimento, a mesma discórdia que entre a Mulher e a Serpente.

Ainda não respondi a uma exigência primordial a qual tenho que atender, já que me persegue a maldição do desprezo! Preciso me livrar desse desprezo que, desde sempre, e mais ainda hoje, reduz o poeta a uma espécie de bufão do rei. Esse desprezo grosseiro vindo daqueles que pensam que a vida é uma coisa séria demais para se perder tempo em devaneios, canções rebuscadas de preciosismos inúteis e refinamentos estéticos embaraçosos, aqueles que tratam os poetas como meros fazedores de versos. No entanto, desde que o homem é homem, para sê-lo plenamente, ele sempre sentiu necessidade desses refinamentos, dessas efusões, dessas aberturas em direção a um invisível identificado como sendo a face desejada dos deuses. O desprezo, nesse caso, é uma insolência sem retorno, uma burrice reveladora de uma miséria sem remédio. Para tanto, é preciso nunca ter sentido o estupor do espírito na presença inesperada de um poema soberano, seja se tratando de versos irrefutáveis, ou de um quadro que deixa transparecer que a beleza, se for desse mundo, tem sua origem além da tela, ou de um canto, às vezes uma única frase melódica, como em Hildegarde de Bingen, que petrifica nossa alma ou a leva para onde o espaço e o tempo não nos oprimem mais. É isso então que faz o poeta? Esse virtuosismo das palavras sem o qual seria difícil superar o peso da lógica e do raciocínio, ou o pintor cujas cores recriam a roupagem de nossas angústias ou de nossa esperança, ou o músico que nos faz compreender que uma harmonia ouvida um segundo, nunca mais deixará de irrigar nosso espírito? E posso afirmar, que sem essa presença misteriosa chamada poesia, nenhuma obra resistiria às exigências de nosso espírito e nossa alma! Eis então uma primeira resposta, sim, o poeta, seja ele poeta da cor, da palavra ou do som, esse poeta explora para ele mesmo mas em benefício de todos, a parte não formulada do ser, suas sombras e matizes, seus brilhos.

Voltemos a questionar os devoradores de palavras, sempre a esperar a mão de um Deus que lhes oferecerá o livro a ser engolido e regurgitado! Perguntamos: trata-se antes de tudo de expressar pelo poema um pensamento, vários pensamentos, conceitos, fórmulas explicativas do mundo? Sem dúvida, pois lá onde se pronuncia a palavra, o pensamento surge, naturalmente. A proeza consistiria em expulsar o pensamento das palavras, castrá-las de certo modo. As palavras tornar-se-iam então sons puros, virgens de qualquer significação. Mas as palavras acorrem logo para me socorrer, oferecendo-me esse abrigo engenhoso da significação! Não existe palavra pronunciável sem essa presença, pois uma palavra só se justifica na medida em que significa, como também não pode haver significado sem as palavras. É um erro no entanto,

pois muito freqüentemente acontece que o signo desprendido do sentido projete-se além do significado. Verificamos aqui que não se trata de refletir, só de descobrir, através do emaranhado do universo, o que nos pertence, o que é ligado a nós, o que nos corresponde. Trata-se muito mais de intuição do que de discussão.

É este **distanciamento** que reivindica o poema, é nesse **distanciamento** que ele encontra sua medida, seu conforto, que ele mede sua força e reconhece sua natureza.

O que quer um poeta como Henri Michaux? Ele não quer outra coisa a não ser percorrer-se a si-mesmo, reconhecer-se como se reconhece um itinerário de viagem, ou uma excursão na montanha, afim de melhor seguir o traçado do caminho, melhor provar as curiosidades ou as belezas, acolher as surpresas desse caminho. E é porque ele se reconheceu nas suas profundezas as mais inacessíveis que Henri Michaux nos permite atingir algo que não encontramos em nenhum outro.

Mas e Rimbaud? Ele não faz o mesmo? E cada poeta que espera sua hora para mergulhar nessa parte desconhecida de si mesmo e que percebe que existe, entre ele e o “infinito do indescoberto”, uma convivência cuja natureza permanece para sempre um mistério.

E Baudelaire? Que tenta nos seduzir de modo instigante, às vezes insustentável, para melhor nos convencer do horror atraente de nosso mundo? Ou Pierre Oster, fascinado pela descoberta do pomar e que tenta extrair de sua contemplação da natureza, os mil e um tesouros admiráveis que ele sabe transmissíveis e intransmissíveis ao mesmo tempo? E Andrée Chedid que alarga seu gesto para melhor abraçar a vastidão do mundo, suas fontes mais ínfimas, mais ocultas. Para ela, as formas mais frágeis do mundo parecem as mais significativas a nossos espíritos seguros demais, afirmados demais, esmagadores demais: o que Gaston Bachelard confirmaria, ele que via na poesia uma “metafísica instantânea”.

E diante de quem inventaria a criação, arriscando-se a perder-se nela, ou não mais ver outra coisa a não ser a ela e à morte que ela contém, erguem-se outros poetas, místicos geômetras de um infinito que exploram com a inconsciência dos inocentes, descobrindo-o até na cintilação de uma asa de borboleta ao sol, sem nem perceber que eles são os hóspedes desse infinito: a menos que eles se tenham perdido, confundido na contemplação do infinito do sofrimento ou das alegrias divinas. Mas uma vez atingidas essas fronteiras, é possível o caminho de volta entre os homens? Retomar nossas brincadeiras, dar de novo aos nossos olhos o gosto de contemplar nossas misérias?

Às vezes, acontece de o amante de poesia ficar suspenso no tempo, muito depois que as palavras lidas ou escutadas se tenham dispersado na bruma das horas. Como se uma revelação se tivesse aproximado dele, através dessas palavras cujo total poder não foi percebido pelo próprio autor. Ele se dá conta de que o tempo de repente metamorfoseou-se em uma duração sem começo nem fim. Instante que parece fugitivo mas as aparências enganam, pois o instante ressurgirá, outro dia, outro ano, intacto, impregnado ainda dessa bem-aventurada confusão que remete a algo impalpável, indizível.

Um imenso reflexo de luz aloja-se no dorso de uma lagarta, e cega-nos.

O leitor lembra-se de ter encontrado em Saint-John Perse, longos períodos com fôlego de mitologia; versos surgidos não se sabe de onde em Paul Valéry ou Mallarmé, tão belos que não se ousa mais esperar nada após tê-los sorvido; imagens de tal força em Baudelaire, que tememos impregnarem a nossa existência; a poesia tem audácias que podem ser desoladoras, ou revoltantes, a menos que se trate de algo sublime que faz com que o dia detenha-se em um estranhamento deslumbrado.

Isso acontece às vezes no final de um imenso esforço de escrita, traduzido em textos de aparência incompreensível, de matéria preciosa e impalpável. Mas outras vezes, uma canção de simplicidade espontânea basta e oferece em cinco ou seis palavras a mesma maravilha: isso mostra que o segredo não está sempre na complexidade das fórmulas ou das construções. Assim como Mallarmé, Francis Jammes permanece.

Michel Deguy criou um atalho audacioso: "A flecha inventa o alvo", desse modo, não pode haver tentativas fracassadas. A menos que haja só tentativas fracassadas..., tão grande é a distancia entre o ponto de partida, uma angústia estridente, e o que deveria ser o ponto de chegada, um paraíso além-túmulo, uma consciência feliz, que não se permite acreditar que o milagre é possível.

É lá que se descobre, de repente, como surgida do emaranhado das palavras, a origem desse desprezo do qual, no começo, procurava me livrar: o homem necessita de definições, ele quer compreender, por em cada coisa a marca de quem as identifica. Mas isso é impossível com o poema, impossível com os poetas: eles não se encaixam em categorias, não existem módulos para retê-los, e nem fórmulas para explicá-los. Então como eles assustam um pouco, assim como os autômatos que arremedam a vida, ou as dançarinas tontas da Antiguidade encarregadas de dizer a palavra dos deuses, livramo-nos deles na medida do possível, são chamados impostores, crianças senis, já que não podemos ouvi-los, recebê-los, aceitá-los como são ou beijá-los, emocionados.

Pois se fosse possível gravar tudo de um poema, um verdadeiro poema, **sua música**, -o poema é música antes de tudo, o que não compreendem os atores de teatro que tentam dizer poemas-, **sua estrutura**, -arquitetura de palácio, mesmo que seja de boneca-, e **sua ou suas significações**, -pois por sua natureza de flecha, ele crava-se em nosso coração-, se fosse possível gravar tudo de um poema, compreenderíamos um de seus mistérios mais ocultos: ele é da ordem do divino. Deus, sem nenhuma dúvida, é o primeiro, talvez o único no mundo, a poder reivindicar o título de poeta autêntico. Poeta supremo, fonte inesgotável do que nos encanta em todo poema verdadeiro.

E já que estou falando de Deus, me vejo forçado a acrescentar algo, que nem sempre caracteriza a obra de todos os poetas: é preciso amar, não só as palavras, a linguagem - pois se as palavras não forem amadas, é inútil a busca de seu mais profundo segredo, seria como tentar arrancar a safira que canta na garganta do rouxinol, surpreender a alma que vibra nela-, é preciso também amar os homens. Sabemos que tem escritores que só sentem aversão pelos outros homens, desprezo pela sua vida, pelo seu ou seus amores, só ódio. A eles, não podemos atribuir o belo título de poeta. Embora em suas obras, uma chama de estranha beleza possa seduzir o olhar. Eis uma de minhas fraquezas.

Os homens precisam ser amados, antes de tudo. Sem o amor no olhar de quem vai ao seu encontro, sem esse amor luminoso que eu descubro em La Tour du Pin, Marie Noël, Andrée Chedid, Gilles Baudry, Jean-Claude Renard ou Jean Mambrino, o homem desconfiará e fugirá, fugirá em direção a esse desprezo por exemplo, que vai levá-lo a insultar o infeliz versejador que não tem nem o pretexto de se tornar milionário com seus versos! Ou então cairá no invencível desespero.

Mas esse amor, cuja fonte Marie Noël não conseguia esgotar, é divino também. É assim que, de repente, as perguntas, todas elas, encontram suas respostas, resumidas em uma só palavra; e se as respostas não forem convincentes, então se perde qualquer esperança nesse sentido. Pois afinal, o amor-poesia, que muitas vezes encontro atrás do furor ou do delírio, da indiferença fingida ou do sorriso de humor e dor confundidos, é este amor que tem um papel a desempenhar, uma função a cumprir: nada menos talvez do que criar ou recriar a esperança?

Palestra proferida pelo poeta Dominique Daguet na Academia Fortalezense de Letras (28/10/2002). Tradução de Martine Kunz.